



Daniela Mattos

D'après Rimbaud, Duchamp & Deleuze, 2010/2012

colares-palavras, performance, fotografia e texto

dimensões variáveis

Uma frase.

Apenas uma frase foi suficiente para o poeta me furar os olhos.

Furou fundo e com precisão. Atravessou minhas retinas e foi até o estômago, direto, sem pausa, provocando a sensação de um murro por dentro. Parece que foi isso...

Todo o processo causou uma transubstanciação dos órgãos, praticamente todos. A que mais gosto ocorreu no aparelho digestivo: virou jardim de terra fértil. O tempo passa e a frase continua enterrada aqui, mas brotou.

E o corpo segue.

Abre parêntesis. Curioso quando se começa a escrever e a escrita não diz o que queremos de primeira, mas sim o que ela própria quer dizer, manifestando seu desejo descolado da funcionalidade que tentamos impor a ela. Nesses momentos o que se vê na página é um aglomerado multilinear e heterogêneo, maquinações dos desejos de quem escreve e das forças da escrita que se faz. Fecha parêntesis.

Olhos furados. Uma frase que fura, queima, marca e deixa cicatriz (como ferro em brasa no couro de bicho). O curioso é que esse tipo de marca prolifera e nunca deixa de estar em carne viva, assim como essa espécie de brasa nunca deixa de estar incandescente, de modos que ninguém sabe como.

Je est un autre. Como o poeta consegue dizer tanto com tão pouco? Segundo o homem-pensamento, ele conseguiu produzir uma das quatro fórmulas poéticas que resumem a filosofia kantiana.

Je, moi, autre. Os jogos entre eu e mim (e outros).
Outrens ou outros? Ambos. Outros tempos, outras coisas, outros sentidos, outros olhares... mas também outras singularidades, dessas que entre o palrar e o professar se dão conta: "eu somos" - ou como dizem na oralidade popular sagaz: "é nós" (para Caetano Veloso, há uma relação entre esta frase e a de Rimbaud, "je est un autre").

Todas as células se transformam, reformulam-se entre nascimento e morte do humano. Nossa memória é invenção, mesmo que guarde relações com os fatos (e "a poesia existe nos fatos", outra frase em carne viva). O corpo segue como prova incontestada da passagem do tempo.

Vestir os pronomes (je, moi, autre) para nos lembrar que somos outros a cada vez, e não imagens fixas. Somos como hologramas amplificados, nos quais a imagética se reconfigura ao mínimo deslocamento do olhar que se lança a eles. Desvestir os pronomes, deslocá-los de seu lugar (será mesmo que existe este lugar próprio, ou seria ele a-propriedade?) para fazer descarrilar o trem, deixá-lo ir em outras direções, para nos perguntarmos: quem somos quando outrens? Fazer isso é forçar-se a sair um pouco de um campo de puro pertencimento, da demanda de "produtividade

full-time", da performance que nos exige o cotidiano com suas engrenagens solidamente invisíveis...

Poder circular sem voltar para o ponto de partida, como gesto de não aceitação da repetição sem diferença.

Nota mental: a performance puramente performática exclui sua dimensão performativa e vice-versa.

Os colares não são coleiras (aviso ao tão caro poeta-performer-filho de xangô). Não mesmo. A perversidade aí, se há, não é desejada. Se existem feições intencionalmente projetadas nisto (ou melhor dizendo, feições e afetos), estão mais para algo como uma poker face. "No you can't read my poker face", canta a diva de plástico que veste carne por cima da pele. Abre parêntesis. inquietante perceber, mas a textura da pele dela parece tanto com a da mulher que aparece deitada no "etant donée"... fecha parêntesis.

Atenção caro leitor: a tal neutralidade da "cara de poker" se refere à ausência de expressões faciais que denunciem as emoções dos jogadores de cartas, e nos faz lembrar o sujeito de chapéu - sempre de costas - ou o casal com lençóis em seus rostos, todos pintados por Magritte. Eles nos permitem ao mesmo tempo nos ver e nos estranhar em sua rostidade barrada. Ah, a farça maravilhosa da pintura... O engano do olhar, o trompe l'oeil, a doce mentira sobre fundo de verdade. Como não ver este fundo nos olhos da Maya, de Goya, da Olympia ou da moça desnuda que almoça na relva, de Manet?

A frase perfurante do poeta, *je est un autre*, se mantém como enigma saído das bocas de esfínges indeléveis (às vezes muito cafonas), que dizem em coro: decifra-me ou te devoro. Se decidimos dar ouvidos a elas, quais as opções para além da pura contemplação destas monstruosas musas? Acertar? Errar? Dizer a resposta errada (mesmo sabendo a certa) e ser devorado por vontade própria? De onde estou parece possível se escolher experimentar todas essas opções e/ou inventar outras. Afinal, como Édipo respondeu à Esfinge de Tebas, somos a única criatura que tem quatro pés de manhã, dois ao meio dia e três à tarde.

Sigo de olhos furados e, como o assum preto (aquele pássaro do sertão), agora canto melhor, apesar da dor.

Mas confesso, canto melhor também pelo gozo de ter tido os olhos furados pelo poeta. Provavelmente ele suspeitava que faria isso a seus leitores, tal qual os sertanejos que furam os olhos dos seus assum pretos, sabendo que assim, seus pássaros vão cantar melhor.